

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUDMYLLA BEATRIZ CUNHA MOTA

PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II: O FUTEBOL

GOIÂNIA

2022

LUDMYLLA BEATRIZ CUNHA MOTA

PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II: O FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação da professora Me. Maria Zita Ferreira.

GOIÂNIA

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E
HUMANIDADES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DE TCC

Aos 15 dias do mês de dezembro de 2022, em sessão pública na sala 307 do bloco "S" do Campus 2 na PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora composta pelos professores:

Orientador(a): **MARIA ZITA FERREIRA**

Parecerista: **MARCOS PAULO DA SILVA COSTA**

Convidado(a): **THALLES GILSON NASSER VEIGA**

o(a) aluno(a): **LUDMYLLA BEATRIZ CUNHA MOTA**

apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado:

**PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NAS AULAS EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II: O FUTEBOL**

como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de **LICENCIATURA** em Educação Física.

Após apresentação, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela **APROVAÇÃO** do referido trabalho.

Lavraram a presente ata:

Orientador(a): Maria Zita Ferreira

Parecerista: Marcos Paulo da Silva Costa

Convidado(a): Thalles Gilson Nasser Veiga

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Luzânia Afonso Cunha da Silva, ao meu pai Osvaldo Mota da Silva, ao meu irmão Osvaldo Mota da Silva Júnior e à todas as meninas e mulheres apaixonadas por futebol.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus por ter me dado o conhecimento para poder concluir o meu segundo Trabalho de Conclusão de Curso. Só Ele sabe o quão difícil foi o período de produção e sem a minha fé n'Ele de que tudo iria dar certo no final eu não teria conseguido terminar.

Agradeço à minha mãe que sempre me incentivou a não desistir e que sempre me apoiou nas minhas decisões.

Ao meu pai que me ajudou muito durante a graduação e que juntamente com minha mãe sempre me levou para as aulas na faculdade.

Ao meu irmão que sempre esteve junto comigo e que sempre me escutou falar sobre o meu curso e sobre futebol.

Agradeço à minha orientadora Maria Zita Ferreira que me apoiou muito nesse trabalho, sempre me motivou e me deu forças durante o processo que foi escrever essa monografia, obrigada por tudo.

Agradeço aos professores que tive durante o período de graduação e que fizeram muita diferença na minha formação profissional e pessoal.

Agradeço também aos amigos que me apoiaram durante esses cinco anos, em especial: Amanda Lima, Haytanna Barrada, Herick Douglas Izabella Menês e Yngrid Gabriele.

EPÍGRAFE

*“Respeito é o mínimo que cada um merece,
independente do que tem, do que faz ou
como age.”*

(Ariane Fonseca)

RESUMO

O tema abordado no trabalho é a participação de meninas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II, dando ênfase no futebol, sendo essa uma das modalidades mais praticada em todo o mundo, porém as meninas/mulheres enfrentam barreiras e preconceitos em relação a sua prática devido ao estereótipo da modalidade e a forma que a sociedade vê a mulher desde o seu nascimento, como um ser dócil e delicado. Dentro da escola, o futebol é protagonista das aulas de Educação Física e como reflexo da sociedade, também ocorre alguns preconceitos relacionados a participação das meninas. O objetivo geral do trabalho foi investigar através de pesquisa bibliográfica como ocorre a participação de meninas nas aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental II. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, do tipo narrativa. Foi utilizado artigos científicos, livros e trabalhos de conclusão de curso que abordam sobre a temática. Através dos resultados foi encontrado que o futebol está muito presente na Educação Física escolar, mas por ser um esporte masculino acaba provocando preconceitos em relação a participação de meninas. Entretanto, as meninas já vivenciaram a modalidade nas aulas e concordam que o futebol deve ser um dos conteúdos da disciplina. Portanto, conclui-se que a não participação das meninas nas aulas de Educação Física, especificamente sobre a prática de futebol, é causado por fatores culturais enraizados na sociedade. Fator esse que acaba provocando um efeito cascata que vai influenciar nos gostos, comportamentos e desenvolvimento motor das meninas do Ensino Fundamental II.

Palavras-chaves: Futebol Feminino. Educação Física Escolar. Meninas. Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

The topic addressed in the work is the participation of girls in Physical Education classes in Elementary School II, emphasizing football, being one of the most practiced modalities in the whole world, however, girls/women face barriers and prejudices in relation to their practice due to the stereotype of the modality and the way that society sees women from birth, as a docile and delicate being. Within the school, football is the protagonist of physical education classes and as a reflection of Society, there are also some prejudices related to the participation of girls. The general objective of the work was to investigate, through bibliographical research, how girls participate in Physical Education classes for Elementary School II. The methodology adopted was bibliographical research, of the narrative type. Scientific articles, books and course conclusion works were used that address the theme. Through the results it was found that football is very present in school Physical Education, but because it is a male sport it ends up provoking prejudices regarding the participation of girls. However, the girls have already experienced the modality in class and agree that it should be one of the contents of the discipline. Therefore, it is concluded that the non-participation of girls in Physical Education classes, specifically about soccer practice, is caused by cultural factors rooted in society. This factor ends up causing a cascade effect that will influence the tastes, behaviors and motor development of girls in Elementary School II.

Keywords: Women's Football. School Physical Education. Girls. Elementary School II.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Objetos de conhecimento nos Anos Finais do Ensino Fundamental	19
Figura 2 - Esportes mais praticados em 2013	20

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EF	Educação Física
LDB	Lei de Diretrizes de Bases
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	15
3	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: FUNDAMENTAL: II	16
3.1	História da Educação Física escolar e suas Concepções	16
4	FUTEBOL	21
4.1	O Futebol no Brasil	21
4.2	O Futebol na Educação Física Escolar durante o Ensino Fundamental II	24
5	MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	27
5.1	As Relações de Gênero na Sociedade, no Esporte e na Escola	27
5.2	O Futebol Feminino na Educação Física Escolar durante o Ensino Fundamental II	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O futebol é uma das modalidades esportivas mais populares em todo o mundo e é um esporte que faz parte da cultura brasileira, sendo o Brasil conhecido como “país do futebol”. Esse esporte foi introduzido no Brasil em 1985 por Charles Miller que trouxe em sua bagagem, após seus estudos na Inglaterra, o conhecimento sobre o futebol, duas bolas, as regras, dois uniformes completos, uma bomba de ar e uma agulha (FERREIRA *et al.*, 2018; KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; ROQUE, 2020).

Diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino teve o seu início em 1921. Entretanto, percebe-se que ao longo dos anos a modalidade enfrentou preconceitos e proibições que impediram que a modalidade se expandisse e se tornasse tão popular quanto o masculino. Os desafios no futebol feminino se devem a forma que a sociedade enxerga a mulher, sendo como um “sexo frágil” que deveria cuidar da casa e dos filhos (ROQUE, 2020).

Essa cultura, infelizmente ainda é passada e isso acaba influenciando a forma que meninos e meninas são tratados durante a infância. É notável alguns casos de quais brinquedos, brincadeiras e esportes que os indivíduos podem ou não utilizar ou participar e isso acaba refletindo também nas práticas dos alunos no contexto escolar, principalmente nas aulas de Educação Física (FERREIRA, 2020; FURLAN; SANTOS, 2008).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a Educação Física (EF) é um componente curricular que corresponde às práticas corporais nas suas mais variadas formas de significação social e codificação, sendo compreendidas como manifestações das mais variáveis formas de expressão do sujeito. Sendo a Educação Física um fundamental meio de enriquecer a cultura do movimento humano em relação a autonomia de expressão dos jovens na escola (BRASIL, 2018).

Entretanto, mesmo que a prática nas aulas de Educação Física de forma geral seja de grande valia para o enriquecimento da cultura do movimento humano e vários outros benefícios que a Educação Física é capaz de proporcionar para os alunos, a forma que estes veem as aulas da disciplina é de forma distinta entre os meninos e meninas em relação a determinados conteúdos (LIMA, 2017).

Um exemplo desta diferença de olhares entre os alunos é a participação nas aulas sobre o futebol no ambiente escolar. Alguns meninos são resistentes em relação a participação das meninas nos jogos de futebol, algumas meninas preferem se

esforçarem nas atividades teóricas para não participarem das aulas práticas, enquanto outras têm vontade de participar das aulas de futebol, mas evitam por alguns empecilhos e preconceitos existentes na sociedade (LIMA, 2017).

Mediante o que foi exposto, surgiu o interesse pela temática: A participação das meninas no futebol nas aulas de Educação Física durante o Ensino Fundamental II. As palavras-chaves desse trabalho são: Futebol Feminino, Educação Física Escolar, Meninas e Ensino Fundamental II.

Analisando esse contexto surge o seguinte problema: Quais são os fatores que influenciam as meninas na escola a não participarem das aulas de futebol durante a educação física escolar? A pesquisa tem como objetivo geral: Investigar através de pesquisa bibliográfica como ocorre a participação de meninas nas aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental II.

Os objetivos específicos são: entender as metodologias utilizadas pelos professores para que as meninas participem das aulas de futebol; compreender a importância da motivação oferecida pelo professor que garanta a participação das meninas nas aulas de futebol; compreender os motivos que levam as meninas a não participarem das aulas de futebol na Educação Física; compreender o que pode ser feito para mudar esse cenário.

Como hipótese para o trabalho tem-se: A não participação das meninas no futebol por meio das aulas de Educação Física Escolar pode estar associado dentre os diversos fatores, destacamos, o projeto político pedagógico da escola, a falta do estímulo do professor de educação física, a falta de estímulos das meninas durante anos anteriores no convívio social e familiar que pudessem promover um maior interesse por determinadas modalidades esportivas, tal fato que acaba influenciando o desenvolvimento motor e assim provocando uma falta de habilidades específicas para a prática de determinadas modalidades esportivas, o que acaba propiciando a falta de interesse em participar das aulas de alguma modalidade como o futebol.

A justificativa pessoal é poder compreender todo esse cenário para que assim seja possível encontrar soluções e alternativas para que esta questão seja superada através da atuação profissional, já que este tema é algo atual e que chama atenção dos professores de Educação Física.

A justificativa científica é poder contribuir com o conhecimento em relação à participação das meninas nas aulas de Educação Física em determinadas

modalidades esportivas como o futebol, trazendo subsídios para a solução do problema e contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas.

A justificativa social é a colaboração para o conhecimento de professores e estudantes de Educação Física para que estes possam compreender sobre a temática e possam atribuir os conhecimentos adquiridos na sua prática profissional, dessa forma contribuindo para a melhoria da Educação Física no âmbito escolar.

O presente trabalho em formato de monografia está dividido em quatro seções, sendo que a primeira aborda a metodologia utilizada nessa pesquisa; a segunda aborda sobre a Educação Física escolar, dando ênfase no Fundamental II; a terceira apresenta sobre a história do futebol no Brasil com enfoque no futebol feminino; a quarta aponta sobre as relações de gênero na sociedade e dentro da escola, além de abordar sobre o futebol feminino no Ensino Fundamental II.

Esse trabalho de conclusão de curso destina-se a graduandos e profissionais de Educação Física que tenham interesse em relação a temática e que pretendem entender sobre a participação das meninas nas aulas de futebol na escola, além disso, este trabalho pode servir como incentivo para pesquisas futuras em relação as questões de gênero no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho se enquadra na linha de pesquisa em Educação Física, Práticas Pedagógicas e Sociais, pois

os objetos de estudos vinculam-se às relações constituídas entre a Educação Física e as metodologias de ensino aplicadas no âmbito escolar e não escolar, assim como a gestão destes espaços de intervenção. Estabelece o debate sobre o corpo, a cultura, o lazer, a história, entre outros temas que possibilitem a contextualização mais ampla desta área de conhecimento, analisando-a através das influências da sociedade sobre os diferentes temas da cultura corporal (NEPEF, 2014, p. 9).

A metodologia utilizada se trata de uma pesquisa bibliográfica, do tipo narrativa. Segundo Fonseca (2002, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Dessa forma, foi utilizado artigos científicos, livros e trabalhos de conclusão de curso que abordam sobre a temática. As principais fontes utilizadas foram: Silvana Vilodre Goellner (2021; 2010; 2006; 2005; 2004), Coletivo de Autores (1992) e Suraya Darido e Osmar Souza Júnior (2015; 2002).

Os processos metodológicos empregado foram os seguintes: primeiramente foi feita a busca de materiais que abordasse sobre o tema: educação física escolar; educação física fundamental II; futebol feminino; futebol nas aulas de educação física e participação de meninas nas aulas de educação física escolar, posteriormente foi feita a escolha pelos títulos, leitura dos resumos e por fim a leitura na íntegra das produções que mais se aproximaram do assunto abordado no trabalho.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: FUNDAMENTAL II

Nessa seção é apresentada uma contextualização em relação a Educação Física escolar até os dias atuais, dando ênfase na estrutura do Ensino Fundamental II segundo a BNCC.

3.1 História da Educação Física Escolar e suas Concepções

No decorrer dos anos as propostas e objetivos da educação física foram se modificando de acordo com o contexto e das necessidades sociais de determinado período, sendo que as tendências de cada época ainda influenciam na formação profissional e nas suas práticas pedagógicas. Dessa forma, na educação física não existe uma forma única de implementar e pensar a disciplina no âmbito escolar, dando assim diferentes entendimentos deste componente curricular (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015).

Os exercícios no âmbito escolar na sua forma de ginástica, dança, lutas e jogo surgem no final do século XVIII e início do século XIX na Europa. Nesse período ocorre a construção e consolidação da sociedade capitalista e a Educação Física possui o papel de construir um homem ágil, forte e empreendedor, além de cuidados higiênicos com o corpo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Durante o século XX a Educação Física estava ligada às instituições militares e aos médicos, com isso a Educação Física era vinculada ao higienismo buscando modificar hábitos de saúde, higiene dos indivíduos e eugenia, favorecendo assim, a educação do corpo e objetivando um físico saudável menos suscetível a doenças e indivíduos fortes para defenderem os ideais de sua pátria, formando assim um homem submisso, obediente e acrítico a realidade brasileira (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015; LIMA, 2015; SOARES, 2012).

Após alguns autores que criaram os Métodos Ginásticos (escola sueca, alemã e francesa) aliam o desenvolvimento da ginástica/educação física com a garantia de respeito e consideração da área diante dos outros componentes curriculares, a educação física escolar passou a ser vista como um instrumento de suma importância para aprimorar o físico dos indivíduos, pois assim os indivíduos teriam saúde e iriam contribuir com as indústrias e exércitos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Em relação ao desenvolvimento do conteúdo da educação física no âmbito escolar, o médico higienista era um indivíduo indispensável devido os seus conhecimentos relacionados a ordem biológica, portanto segundo os conhecimentos desse profissional a educação física escolar deveria desenvolver a aptidão física dos indivíduos, manutenção da higiene física e moral, sendo as aulas ministradas por instrutores físicos do exército, trazendo para as aulas os rígidos métodos militares (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DARIDO; RANGEL, 2005 apud SOARES, 2012).

Já após a Segunda Guerra Mundial, correspondendo ao período de ditadura no Brasil, surgem outras tendências na educação física escolar, sendo uma delas a influência do esporte na escola. Nesse ponto é importante destacar que não é o esporte da escola e sim o esporte na escola, portanto, a escola passou a ser uma extensão da instituição esportiva, ou seja, as aulas eram voltadas para a descoberta de novos atletas, hábeis e fortes, que pudessem representar o país nas competições de alto nível, logo o foco era voltado para o rendimento atlético, recordes, técnicas e sucesso como sinônimo de vitória (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015; LIMA, 2015; SOARES, 2012).

Em 1971, através do Decreto n. 69.450, a educação física escolar era considerada como uma atividade que iria desenvolver e aprimorar as forças físicas, psíquicas, sociais, morais e cívicas do aluno. Ainda segundo essa legislação, as aulas deveriam ser divididas entre meninos e meninas (COLETIVO DE AUTORES, 1992; LIMA, 2015).

Segundo Darido e Rangel (2005 apud SOARES, 2012) e Darido e Souza Júnior (2015) mesmo que a concepção esportivista, também chamado de tecnicista ou tradicional, ainda esteja presente na escola na sociedade atual, esse método passou a ser muito criticado na década de 1980 e começaram a surgir novas formas de se pensar a educação física escolar, tornando assim a educação física mais próxima da função e realidade que esta deveria empenhar na escola.

Dessa forma, atualmente existe diferentes modelos, concepções, abordagem e tendências que visam romper com o modelo tecnicista, que como dito anteriormente visa apenas o desempenho atlético, técnico e esportivo. Dentre as atuais concepções pedagógicas que se articulam entre teorias psicológicas, concepções filosóficas e sociológicas temos: psicomotricidade, desenvolvimentista, saúde renovada e críticas (LIMA, 2015; SOARES, 2012).

É importante destacar que a Educação Física passou a ser obrigatória no município de Couto em 1851 através da Reforma de Couto Ferraz, nesse período ocorreu uma grande contrariedade pelos pais ao verem os seus filhos fazendo atividades que não tinham um caráter intelectual como as demais disciplinas, além de que alguns pais proibiram a participação das suas filhas nas aulas de educação física (LIMA, 2015).

Posteriormente, Rui Barbosa defendeu a inclusão da ginástica (educação física) nas escolas e igualar os professores de ginástica aos professores de outras disciplinas, pois Rui Barbosa defendia que a ginástica iria contribuir com a formação do cidadão, sendo um meio de se obter um corpo saudável, portanto um elemento que é indispensável para uma formação integral dos alunos (LIMA, 2015; RAMOS, 1982 apud SOARES, 2012).

Como forma de firmar a importância da Educação Física, a Lei de Diretrizes de Bases (LDB), sancionada em 1996, trouxe mudanças importantes para a área, tornando a EF obrigatória como componente curricular da Educação Básica, sendo os conteúdos como meios para os alunos desenvolverem suas capacidades e constituir competências (LIMA, 2015; PINHEIRO FILHO; FÁVARO, 2021).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) também reforça a Educação Física como um componente curricular no Ensino Fundamental e médio, sendo essa uma "área do conhecimento que introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde" (BRASIL, 1998, p. 62; PINHEIRO FILHO; FÁVARO, 2021).

Além da LDB e dos PCN's, também existe o mais novo documento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que define um conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidos durante a Educação Básica para todos os alunos "de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento" (BRASIL, 2018, p.7). Segundo a BNCC, a Educação física é:

o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018, p. 213).

A BNCC está estruturada de forma que todas as competências sejam trabalhadas durante a Educação Básica, compreendida em três etapas, sendo elas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Educação Infantil corresponde as crianças de zero a 5 anos. O Ensino Fundamental é a etapa mais longa da Educação Básica e corresponde as idades 6 a 14 anos, sendo dividido em Anos Iniciais (1° ao 5° ano) e Anos Finais (6° ao 9° ano). O Ensino Médio correspondente aos últimos anos da Educação Básica, 1°, 2° 3° ano (BRASIL,2018).

Durante o Ensino Fundamental, por ser um longo período, as crianças e adolescentes acabam passando por diferentes mudanças em relação aos aspectos físicos, afetivos, emocionais, cognitivos, sociais, entre outros. Especificamente sobre os Anos Finais, os estudantes acabam enfrentando desafios de maior complexidade, pois necessitam se apropriar de algumas lógicas diferentes de organização, sendo importante fortalecer a autonomia desses alunos para que estes possam interagir de forma consciente e crítica com as mais variáveis fontes de informação e de conhecimento (BRASIL, 2018; PNUD, 2017).

As práticas corporais realizadas nas aulas devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, pluridimensional, diversificado, singular e contraditório, permitindo uma (re)construção de conhecimentos, ampliando a sua consciência em relação aos seus movimentos e desenvolvendo a autonomia para apropriar e utilizar a cultura corporal de movimento. É importante ressaltar que a Educação Física permite enriquecer as experiências dos alunos da Educação Básica, pois estes acabam tendo o acesso a um vasto universo cultural e se desenvolvendo de forma integral (BRASIL, 2018; PINHEIRO FILHO; FÁVARO, 2021).

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p.14)

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Ao longo do Ensino Fundamental são abordadas seis unidades temáticas que corresponde a uma das práticas corporais, sendo elas: Brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura. A BNCC traz também oito dimensões de conhecimento: Experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão

sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e por último protagonismo comunitário (BRASIL, 2018).

O componente curricular da Educação Física deve garantir o desenvolvimento de 10 competências específicas para o Ensino Fundamental:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual. 2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo. 3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais. 4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. 5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes. 6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam. 7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos. 8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde. 9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário. 10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2018, p. 223).

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os alunos possuem uma maior capacidade de acessar variadas fontes de informação, tal fato permite um aprofundamento maior nos estudos das práticas corporais no contexto escolar. Essa fase é dividida em dois blocos (6º e 7º anos; 8º e 9º anos), sendo os seus objetos de conhecimento apresentados na Figura 1 (BRASIL, 2018).

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Figura 1 – Objetos de conhecimento nos Anos Finais do Ensino Fundamental
Fonte: Brasil (2018)

4 FUTEBOL

Nessa seção é apresentado sobre a história do futebol no Brasil, dando um enfoque sobre o futebol feminino. Além disso é apresentado sobre o futebol na Educação Física Escolar.

4.1 O Futebol no Brasil

Como podemos perceber no nosso cotidiano, o futebol é um dos esportes mais populares no mundo e no Brasil, sendo este conhecido como país do futebol, ou seja, o futebol faz parte da cultura dos brasileiros. É importante destacar que os elevados investimentos e publicidade que a modalidade recebe fez com que o futebol atingisse um nível alto no mundo (FERREIRA *et al.*, 2018; KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; ROQUE, 2020).

Uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2013 revelou que no Brasil existe 42,7% de praticantes da modalidade, sendo que deste percentual 66,20% são homens e 19,20 mulheres, conforme apresentado na figura 2 (BRASIL, 2015). Ferreira *et al.* (2018) também relata que o futebol é um dos esportes prediletos dos brasileiros desde a infância até a fase adulta, sendo parte da tradição e da cultura brasileira.

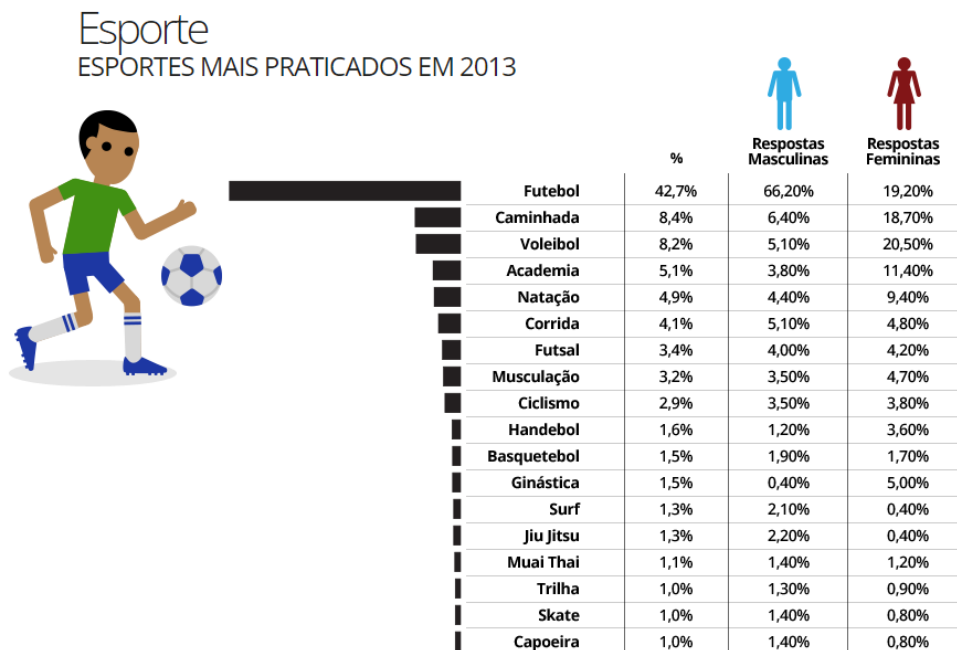


Figura 2 - Esportes mais praticados em 2013
Fonte: Brasil (2015, adaptado)

Em relação a introdução da modalidade no país, os dados mostram que o seu início ocorreu na cidade de São Paulo no ano de 1895 quando Charles Miller acabou conhecendo o futebol durante os seus estudos na Inglaterra e após retornar ao Brasil, trouxe em sua bagagem o seu conhecimento sobre a modalidade, as regras, dois uniformes completos, duas bolas, uma bomba de ar e uma agulha. O primeiro jogo ocorreu no dia 15 de abril de 1895 entre os funcionários das empresas: Funcionários da Companhia de Gás contra a CIA Ferroviária São Paulo Railway (ROQUE, 2020; MAGALHÃES, 2010).

Inicialmente o futebol era um esporte praticado pela elite que impedia que a modalidade se expandisse e se tornasse popular. Durante esse período existia os times da elite e os times dos indivíduos que não faziam parte da elite, o primeiro grupo defendia o amadorismo, enquanto os demais times defendiam a democratização do esporte e a sua profissionalização. No início do século XX, a elite perdeu o controle sobre o futebol e o esporte se abriu para a grande massa surgindo três times que se destacaram durante esse período: Bangu, Vasco da Gama e Corinthians (MAGALHÃES, 2010).

Mesmo com a liberação do futebol para a grande massa, é importante destacar que alguns grupos sofreram alguns empecilhos para a sua prática, um exemplo são as mulheres e negros. Mesmo que tenha ocorrido a abolição da escravatura em 1888, o racismo permaneceu presente nos jogos de futebol, e infelizmente ainda hoje vemos nos noticiários casos de racismo nesse esporte. É importante ressaltar que durante um período os times eram proibidos de incluir jogadores negros (MAGALHÃES, 2010; VIEIRA; FREITAS, 2006 apud ROQUE, 2020).

Como dito no parágrafo anterior, as mulheres enfrentaram muitas barreiras para poderem praticar o futebol. Diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não começou da elite, pois a sua prática não era aceita por essa classe, sendo considerada como uma aberração e infelizmente as mulheres que jogavam recebiam julgamentos com “povo grosseiro”, “mau cheiro” e “falta de classe” (MAGALHÃES, 2010; BRUHNS, 2000 apud ROQUE, 2020).

Em relação aos primeiros jogos, os autores relatam que ocorreu por volta de 1921. Segundo Magalhães (2010) o primeiro jogo ocorreu em festa de São João. Roque (2020) e Balardin *et al.* (2018) relatam que o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil ocorreu contra as moças dos bairros Cantareira e Tremembé. Goellner (2021) as pessoas tinham curiosidades em relação a prática de futebol por mulheres

e o esporte chegou a ser praticado em circos populares, sendo que essa prática deveria ser aplaudida como uma exibição grotesca ou teatral.

É importante destacar que além dos preconceitos das pessoas em relação a prática do futebol feminino, também ocorreu a proibição da prática de esportes que não fossem condizentes com a natureza feminina (pessoas de sexo frágil que deveriam cuidar da sua casa e de seus filhos) através do Decreto-Lei 3.199 de 1941, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Tal proibição acabou acarretando um atraso de 30 anos para o futebol feminino brasileiro (ROQUE, 2020; FERREIRA *et al.*, 2018; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016; MAGALHÃES, 2010).

Segundo Goellner (2021) algumas mulheres jogaram durante o período de proibição continuaram praticando como forma recreativa em locais não esportivos como tentativa de burlar o Decreto-Lei 3.199 e impedir que a modalidade desaparecesse, entretanto, mesmo que essas mulheres tenham resistido, a falta de competições não permitiu o crescimento da modalidade no Brasil.

A proibição ficou mais clara após a deliberação n.º 7/65 do Conselho Nacional de Desportos (CND) que especificou as modalidades que não deveriam ser praticadas por mulheres, sendo algumas delas: futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby, baseball e halterofilismo. Apenas em 1979 através da deliberação n.º 10 que o CND revogou a deliberação n.º 7/65 e assim foi permitida a participação das mulheres. Mais tarde, em 1986, Manoel José Gomes Tubino reconheceu a necessidade de estimular a prática de esporte por mulheres (GOELLNER, 2005; CASTELLANI FILHO, 1988 apud SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

Após a liberação da prática, o futebol feminino começou a ganhar força nas décadas de 1970 e 1980 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que a sua institucionalização na década de 1980. As mulheres que praticavam a modalidade esportiva demonstravam coragem em entrar em um território dominado pelo sexo masculino. O time mais conhecido desse período era o carioca Radar, que contribuiu também para o surgimento de novos clubes de futebol feminino no Brasil, em 1988 quando o clube encerrou o futebol feminino ficou estagnado por uns anos (ROQUE, 2020; MAGALHÃES, 2010).

Atualmente pequenas mudanças são observadas no futebol feminino no Brasil, como a conquista em espaços que sempre foi dominado por homens, seja como técnica, jogadora, árbitra ou espectadora. Entretanto, ainda é possível notar

resquícios da cultura moralista e machista que promovem o preconceito na modalidade (FRANZINI, 2005).

Segundo Franzini (2005), Goellner (2005), Knijnik e Vasconcelos (2003), as mulheres nos meios esportivos se deparam com a erotização do seu corpo, além de ser necessário apresentar uma beleza além da técnica exigida para ter um bom empenho no jogo e ocorre também uma inspeção em relação a sexualidade das jogadoras como se isso fosse influenciar as suas habilidades no esporte.

Dentre os desafios encontrados pelas jogadoras, há uma grande diferença entre os salários de homens e mulheres, um exemplo é o fato de Lionel Messi ter o salário 282 vezes mais que a jogadora bem mais paga entre as mulheres, Ada Hegerberg, com isso as mulheres acabam tendo que ter uma jornada dupla de trabalho (GALEANO, 2019; GAVIÃO; FALCÃO; ILHA, 2018).

Há também o pouco apoio da mídia para a transmissão dos jogos dos campeonatos nacionais. Atualmente tem aumentado a frequência que se fala e transmite jogos da seleção brasileira nos programas esportivos. Tal fato tem mudado mais após a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, que foi transmitida pela primeira vez na tv aberta e surpreendeu com o recorde de transmissão no Brasil (CARDOSO; ACCO JUNIOR, 2020).

4.2 O Futebol na Educação Física Escolar durante o Ensino Fundamental II

Como foi exposto na seção 1, a BNCC propõe alguns objetos de conhecimentos para cada unidade temática. Referente a unidade temática de Esportes temos durante o 6º e 7º anos os esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios; durante o 8º e 9º os objetos de conhecimento são esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e de combate.

Dessa forma, o futebol é um esporte que pode ser ensinado dentro da escola, já que este é caracterizado como um esporte de invasão, cuja característica desses esportes é a disputa entre duas equipes em um mesmo espaço, tendo como objetivo conduzir um objeto (ex.: bola) e pontuar contra a equipe adversária, além de impedir que a outra equipe pontue (LAMAS *et al.*, 2012).

É notório a alta presença dos esportes, principalmente do futebol, dentro das escolas. Isso devido a persistência do modelo tradicional que acaba fazendo o uso do esporte e que na maioria das vezes acaba excluindo os mais habilidosos dos menos

habilidosos, e ao modelo em que os alunos acabam decidindo o que querem fazer durante a aula (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015; SILVA; COSTA, JÚNIOR, 2011).

Esse último modelo é muito representativo dentro da escola, entretanto o fato de “dar a bola” ou ser um professor “rola bola” é bastante condenável, pois acaba desconsiderando a importância dos conhecimentos do professor em relação aos procedimentos pedagógicos, sendo apenas um “jogo pelo jogo” desvalorizando o conhecimento histórico-social do esporte e provocando o afastamento de alguns alunos do esporte (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015; SILVA; COSTA JÚNIOR, 2011).

Dessa forma, é notório que os esportes coletivos são ferramentas mais utilizadas nas aulas de EF pelos professores como uma forma de disseminar o movimento corporal na escola. Considerando a popularidade do futebol no Brasil, essa modalidade acaba sendo o protagonista durante as aulas de Educação Física, aqui é importante destacar a expressão futebol que é utilizada sem distinção entre futebol de campo e futsal (KERNE, 2014).

Segundo Silva e Costa Júnior (2011) o ensino do futebol na escola não deve se basear apenas no desenvolvimento de habilidades motoras (coordenação motora, agilidade, velocidade de reação, lateralidade etc.) e elementos técnicos-táticos, mas deve-se também compreender os conhecimentos dos códigos e significados atribuídos a esse esporte pela sociedade.

Com isso, se consideramos o esporte, especificamente o futebol, como um fenômeno social e um tema da cultura corporal “precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.49).

Segundo Macedo (2006 apud MENDES, 2013, p.14),

o futebol na escola pode estimular no aluno o prazer pela atividade física, que, hoje e num futuro próximo, pode lhe garantir uma melhor qualidade de vida, também pode ser utilizado como projeto educacional, apropriando do poder disciplinador que possui o esporte, para contribuir na formação de cidadãos autônomos e participativos. Segundo o autor ainda, é na forma coletiva que o futebol pode atingir uma socialização.

Portanto, o ensino e aprendizagem do futebol na escola vai muito além de compreender as regras do jogo, chutar a bola e fazer gol. Para que esse processo ocorra de forma completa é necessário unir o saber conceitual e o saber procedimental. O saber conceitual seria o “saber o que é”, ou seja, saber a história do

esporte, conhecer as regras, conhecer os aspectos do futebol feminino ou sobre a violência entre as torcidas. O saber procedimental é o “saber fazer”, dessa forma, saber executar os fundamentos básicos da modalidade esportiva (MENDES, 2013).

5 MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nessa seção é abordado sobre as relações de gênero presentes na sociedade, nos esportes e na escola. Também é apresentado sobre o futebol feminino nas aulas de Educação Física durante o Ensino Fundamental II.

5.1 As Relações de Gênero na Sociedade, no Esporte e na Escola

O modo que os pais educam os seus filhos ou filhas são distintos, sendo uma cultura que infelizmente ainda é repassada. Quando as meninas nascem, os pais possuem uma expectativa de certos cuidados e de delicadeza. Os brinquedos que essas ganham são utensílios domésticos em miniatura ou bonecas ao invés de receberem chuteiras ou bolas como os meninos, além de que devem possuir determinados comportamentos, não podendo brincar nas ruas, não devem se sujar ou suar, além de ter que permanecer em casa para auxiliar nas atividades domésticas (DAOLIO, 1995 apud FERREIRA, 2019).

Um exemplo dos brinquedos de meninas e meninos é o que a jogadora Andressa Alves disse no filme “Nike Football Presents: Andressa Alves’ Story”, realizado pela Nike e divulgado em 2019, que só recebia bonecas enquanto desejava ganhar uma bola. Esse fato também é relatado pela jogadora Formiga que preferia as bolas que seus irmãos ganhavam do que as suas bonecas (FERREIRA, 2020; SARDINHA; PEREIRA, 2016 apud PNUD, 2017; SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

Segundo Romero (1994 apud SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002) os meninos são mais livres que as meninas, eles jogam bola nas ruas e fazem outras atividades que provocam o desenvolvimento da motricidade ampla, já as meninas acabam não sendo estimuladas a certas brincadeiras ou em alguns casos são até proibidas de realizarem certas atividades e em consequência a isso desenvolvem a motricidade fina. Esse fato contribui para uma diferença no desempenho motor e a construção do corpo feminino, através da cultura, faz com que as meninas acabem se distanciando das práticas corporais (DAOLIO, 1995 apud FERREIRA, 2019).

É importante compreender que existe alguns elementos culturais que historicamente acabou privilegiando determinados indivíduos ao acesso e permanência no campo esportivo como por exemplo: as meninas acabam tendo menos oportunidades que os meninos para o lazer, pois acabam desempenhando

atividades domésticas; menor incentivo da família e amigos a participarem de atividades esportivas; e níveis de habilidades sendo que “essas diferenças resultam não de uma anatomia distinta, mas, sobretudo, de vivências e experiências de movimento diferenciado desde o nascimento” (GOELLNER, 2010, p. 81)

Dessa forma, acaba sendo reproduzido aquilo que foi construído ao longo dos anos através do contexto sociocultural, em que a imagem da mulher seria de um indivíduo de sexo frágil e dócil, que desde cedo acaba aprendendo sobre atividades domésticas, sendo a mulher destinada a cuidar da casa e filhos diferentemente dos homens que estão ligados ao papel de força e poder (FERREIRA, 2019; FURLAN; SANTOS, 2008; MARTINS, 2022; MOTA, 2021).

Dentro da escola, o futebol é um dos esportes considerado como masculino, tal fato não deveria ocorrer, mas na própria sociedade isso acontece. Uma acadêmica do curso de Educação Física quando entrevistada na pesquisa de Furlan e Santos (2008) relata essa associação de esportes para homens e para mulheres na sociedade, como exemplo ela cita que a ginástica como algo para mulher e o boxe destinado para homem, uma visão preconceituosa sendo que ambos podem praticar todos os esportes.

Segundo Goellner (2010), a identificação de práticas esportivas como específicas para meninos ou meninas acaba provocando uma limitação a participação de meninas e meninos em atividades que eles gostariam de participar, sendo algo que deve ser modificado para acabar com o senso comum de que cada gênero deveria praticar determinada coisa, pois isso priva a possibilidade de adquirir habilidades e capacidades físicas através da prática.

O esporte acaba sendo um espaço de reprodução do machismo e sexismo. Dessa forma, ao analisar a inserção da mulher no esporte e a sua autonomia social, é notável diversas barreiras e dificuldades, sendo que algumas já foram superadas e outras ainda precisam ser superadas. Na Grécia Antiga, por exemplo, as mulheres não podiam participar das Panatéias nem mesmo como expectadoras, mostrando que desde a antiguidade as mulheres eram discriminadas no esporte, pois tinha o papel da maternidade (FURLAN; SANTOS, 2008; LOFFREDO, 2004; OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

Após o retorno dos Jogos Olímpicos em 1896 na cidade de Atenas (Grécia), as mulheres passaram a ter uma função secundária, sendo responsáveis por coroar os vencedores, já que os idealizadores da edição acreditavam que as mulheres iriam

acabar vulgarizando o espaço que era destinado as honras e conquistas dos homens, já que o Barão de Coubertin acreditava que o esporte era o espaço destinado a privilegiar a figura do homem competidor e a construção da virilidade masculina (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008; ROMARIZ; DEVIDE; VOTRE, 2007; GOELLNER, 2006, 2004; LOFFREDO, 2004).

A participação de mulheres nos Jogos Olímpicos de forma oficial só veio a acontecer na segunda edição (Paris, em 1900) nas modalidades de golfe e tênis, pois ambos os esportes não possuem contato e são considerados como esteticamente belos. O quantitativo de atletas foi aumentando no decorrer das edições e na edição mais recente (Tóquio, em 2020) tivemos a maior participação feminina em Olimpíadas da história (MOTA, 2021).

Com isso, é notável as diferenças entre homens e mulheres no esporte, pois culturalmente através do esporte ocorre uma valorização do homem e uma desvalorização da mulher, sendo que essa não pode deixar de lado os atributos considerados como “essência feminina”, tais quais: delicadeza, beleza e graciosidade (FURLAN; SANTOS, 2008).

Goellner (2010) e Souza e Altmann (1999 apud FERREIRA, 2019) também cita sobre esses atributos que não é restrito apenas as meninas/mulheres. Quando essas possuem um comportamento mais agressivo no jogo ou um perfil de habilidade a sua feminilidade é colocada como suspeita, sendo consideradas como meninas masculinizadas, assim como os meninos que não se adaptam nos esportes, principalmente os coletivos, a sua masculinidade é colocada em dúvida, sendo considerados efeminados.

Nas aulas de Educação Física na escola é possível notar uma visão sexista através de propostas, pareceres e registros de leis ao longo do início da história da EF. Um exemplo disso, foi que durante o século XVIII as aulas de EF eram separadas por sexo, dessa forma os meninos realizavam a ginástica sueca, enquanto as meninas faziam calistenia. Além de que alguns pais proibiam a participação de suas filhas nas aulas (COLETIVO DE AUTORES, 1992; LIMA, 2015; OLIVEIRA; MACEDO; SILVA, 2014).

As separações das turmas de Educação Física entre meninos e meninas estava embasado no discurso biológico de que deveria respeitar a natureza dos corpos para que esses pudessem se desfrutar dos benefícios da prática nas aulas. A ginástica era permitida a todos, entretanto, eram necessários outros movimentos

específicos para que os corpos fossem completamente educados. Essa separação nas aulas acaba demarcando as possibilidades e limites dos corpos das mulheres (FERREIRA, 2019).

Como citado nos parágrafos anteriores, em relação a visão que a sociedade tem sobre as participações e estereótipos nas modalidades esportivas, na escola essa visão acaba sendo reproduzida onde o futebol é a preferência de boa parte dos meninos, enquanto as meninas preferem o voleibol. Tal fato se justifica através das concepções e relações sociais e culturais em que os meninos desde cedo são incentivados a jogar futebol, enquanto meninas praticam esportes menos violentos como vôlei ou queimada (OLIVEIRA; MACEDO; SILVA, 2014).

A preferência pela prática do voleibol por parte das meninas foi observada no estudo de Souza Júnior e Darido (2002), o vôlei é o esporte preferido de 54% das alunas entrevistadas, seguido pelo futebol (39%), handebol (4%) e basquete (3%). Segundo os autores, essa aceitação do futebol por parte das alunas é um ponto favorável para o futebol ser implementado nas aulas de Educação Física. O voleibol como esporte preferido também foi encontrado na pesquisa de Cardoso e Acco Junior (2020), 50% das alunas preferiam esse esporte e 42,9% preferiam o futebol/futsal.

5.2 O Futebol Feminino na Educação Física Escolar durante o Ensino Fundamental II

Como apresentado nas seções anteriores, o futebol está muito presente nas aulas de Educação Física escolar, entretanto, percebe-se que a sua prática é desigual devido a existência de diferenças de gêneros, sendo que essa desigualdade não pode ser justificada pelas diferenças biológicas, mas sim pelos arranjos sociais e contexto cultural, em que a mulher seria um sexo frágil e dócil, enquanto aos homens estariam ligados à força e poder (FURLAN; SANTOS, 2008; MARTINS, 2022).

Essa desigualdade não ocorre apenas por parte dos alunos, mas também pela forma que a escola enfrenta o tema. Dentro da escola, a desigualdade no futebol ocorre também como uma representação da sociedade, já que culturalmente esse esporte não é delas, sendo um espaço mais masculino. Essa exclusão não ocorre por serem meninas, mas por serem consideradas como menos habilidosas e fracas (ALTMANN, 1998 apud OLIVEIRA; MACEDO; SILVA, 2014; FURLAN; SANTOS, 2008; MARTINS, 2022).

Segundo umas das acadêmicas de EF entrevistada na pesquisa de Furlan e Santos (2008), quando ela tentou introduzir o futsal feminino em algumas escolas foi observado o desinteresse por parte da direção da escola: “Quando se falava em futsal feminino, várias diretoras e coordenadoras colocavam empecilhos a sua prática. Poucas escolas desenvolvem treinamentos de futsal feminino sistematizados” (FURLAN; SANTOS, 2008, p.35).

Uma pesquisa realizada por Cardoso e Acco Junior (2020) com 14 meninas matriculadas no Ensino Fundamental II de uma escola em Tubarão (Santa Catarina), possuindo uma média de 13 anos de idade, mostrou que 100% das entrevistadas se sentiam bem praticando esportes na escola, sendo que 92,9% afirmaram gostar da prática de futsal/futebol; 57,1% das meninas costumam jogar futebol durante as aulas de educação física escolar, sendo que todas já vivenciaram essa modalidade na escola.

Tais dados também foram encontrados no estudo de Souza Júnior e Darido (2002) realizado com alunas da 7ª série do Ensino Fundamental no ano de 2000. Segundo o estudo 87% já vivenciou o futebol nas aulas de EF; 91% das meninas costumam jogar futebol na escola; quando questionadas se o futebol deve fazer parte do programa das aulas, 96% responderam que sim.

Uma pesquisa realizada por Kerne (2014) com 89 alunas da 6ª e 7ª série do Ensino Fundamental também trouxe dados similares aos das pesquisas já citadas. Sendo que 89% já vivenciou o futebol na escola; 72% costumam jogar futebol na escola; e 83% afirmaram que o futebol deve ser um conteúdo nas aulas.

Em relação as aulas de Educação Física e a prática do futebol na escola serem mistas, tanto os estudos de Cardoso e Acco Junior (2020), Souza Júnior e Darido (2002) e Kerne (2014) apresentaram que as aulas são mistas, sendo 71,4%, 70% e 76%, respectivamente. Entretanto, a pesquisa realizada por Oliveira, Macedo e Silva (2014) apresentou que 13,6% das meninas preferiam que as aulas fossem separadas por sexo, como um requisito para o maior engajamento nas aulas.

As aulas separadas poderiam ser mais vantajosas por ter uma maior homogeneidade, menor violência, uma maior participação dos alunos com uma socialização mais positiva e uma maior organização das atividades propostas, entretanto, segundo os PCN's as aulas mistas proporcionam a vivência e respeito mútuo entre meninas e meninos, tornando eles mais tolerantes, menos preconceituosos sobre as relações de gênero e não reproduziria os estereótipos

presentes na sociedade (OLIVEIRA; MACEDO; SILVA, 2014; SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

Através das aulas de Educação Física é possível gerar oportunidades para a prática de futebol das meninas, pois com o suporte e apoio do professor e da escola é possível trazer as meninas para a prática da modalidade sem que essas tenham receio por serem um possível alvo de preconceito. O professor desempenha um papel importante para a quebra do preconceito de gênero, através de metodologias que permitam a participação de todos e não privilegiem apenas um grupo, valorizando o desenvolvimento social e pessoal (CARDOSO; ACCO JUNIOR, 2020; MARTINS, 2022).

Segundo Furlan e Santos (2008, p. 35)

Cabe ao professor de educação física o reconhecimento de que a escola é um local evidente da construção social do masculino e feminino. As práticas em que há separação dos sexos formando indivíduos discriminantes de si mesmos devem ser modificadas e substituídas por aquelas não excludentes, que possibilitem formas de diminuir e até mesmo acabar com preconceitos e discriminações ainda muito presentes

Na pesquisa que Cardoso e Acco Junior (2020), 92,9% recebem ou já receberam incentivo do professor(a) de Educação Física para praticarem futebol na escola e 71,4% recebem incentivo da família. Essa motivação e incentivo vinda tanto do professor quanto da família é importante para a entrada para a prática esportiva não só no ambiente escolar como em momentos de lazer, como é mostrado na pesquisa do IBGE, em 2013, onde 48% dos entrevistados relataram que o início da prática esportiva aconteceu na Escola/Universidade com a orientação do professor (BRASIL, 2015).

Em alguns casos acaba acontecendo algumas brincadeiras de “*mau gosto*”, “*xingamentos*” ou também algum tipo de preconceito dentro da escola por causa das meninas gostarem de praticar ou assistir futebol. Tal fato foi apresentado por uma acadêmica de EF na pesquisa de Furlan e Santos (2008, p. 36) que relatou que quando praticava futebol na escola, alguns meninos falavam que as meninas pareciam homens ou fazia comentários como: “...*Ela joga melhor que homem*”.

Segundo Cardoso e Acco Junior (2020) 85,7% das alunas do ensino fundamental II nunca passaram por situações desagradáveis como essas, mas 14,3% afirmaram já ter passado por situações de preconceito. Alguns meninos não ficam

confortáveis em jogar com ou contra meninas, pois se sentem a sua masculinidade ameaçada por medo de perderem o jogo ao serem surpreendidos pelas habilidades das meninas (ALTMANN, 1999 apud MARTINS, 2022).

Souza Júnior e Darido (2002) apresentaram no seu estudo que fora do horário da aula a ocupação das quadras ocorre de forma majoritariamente por meninos (89%), demonstrando que ainda que as meninas queiram jogar é necessário a conquista dos espaços destinados à prática, principalmente das quadras poliesportivas.

Kerne (2014) encontrou em sua pesquisa que 55% das entrevistadas afirmaram que a quadra da escola é utilizada mais por meninos, 21% afirmaram que tanto meninas quanto meninos usam a quadra fora da aula, sendo que no estudo as quadras não são utilizadas apenas por meninas. Segundo Altmann (1998 apud SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002) o esporte, principalmente o futebol, é algo masculino dentro da escola, sendo que a conquista das meninas desafia a “soberania masculina”.

Através dos estudos citados é possível notar que os meninos apresentam um maior domínio dos espaços do que as meninas durante o período de recreio. Além disso é possível observar entre os estudos apresentados, uma maior participação das meninas nas aulas de Educação Física, principalmente quando o esporte trabalhado é o futebol (KERNE, 2014).

Segundo Lima (2017, p.6)

A maioria dos meninos demonstra certa resistência quando o assunto é jogar futebol com as meninas. Já as meninas se dividem em dois grupos: as que preferem se esforçar nas atividades teóricas para que suas notas não dependam da participação em atividades práticas; as que querem jogar futebol, mas encontram empecilhos como a discriminação ainda existente na sociedade, o comportamento masculino em quadra, a falta de incentivo por parte da família e do corpo docente da unidade escolar, entre outros fatores.

Os dados analisados nos mostram uma grande aceitação e participação das meninas nas aulas de futebol na Educação Física durante o Ensino Fundamental II, sendo este um ponto favorável para implementar o esporte, especificamente o futebol nas aulas. Além de que, o futebol como um esporte de equipe é capaz de ser como um meio de ensino dos alunos sobre as diferenças individuais e de gênero (KERNE, 2014).

Um estudo realizado por Oliveira, Macedo e Silva (2014) com 86 alunas do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, sendo que 58 alunas eram

do Ensino Fundamental, apresentou que dentre os motivos que levam a não participação nas aulas de Educação Física, são: 38% não gosta de esportes; 15,9% alegaram clima ruim; 11,5% dizem que cansa muito; 11,5% por conta de materiais escassos; 9% não sabe jogar; 9% alegam que os meninos não as deixam jogar; e 4,5% não querem suar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho foi possível observar que a Educação Física escolar passou por diversas transformações até chegar ao que conhecemos hoje. Diversas concepções foram utilizadas, sendo essas determinadas pelo contexto social e cultural em que os indivíduos se encontravam. A BNCC é o documento mais recente que norteia a Educação Física escolar definindo as aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver durante a Educação Básica.

Através dos dados encontrados, o futebol teve o seu início no Brasil no ano de 1985, quando Charles Miller trouxe a modalidade para o país após o seu período de estudos na Inglaterra. Logo a modalidade foi se tornando popular e atualmente já faz parte da cultura dos brasileiros, sendo o Brasil conhecido como “País do Futebol”.

Entretanto, mesmo com a popularidade da modalidade, alguns grupos sofreram algumas barreiras para a sua prática. Um exemplo disso é a participação das mulheres no futebol. Ao longo da história ocorreram proibições e preconceitos por considerarem o futebol como um esporte masculino, dessa forma as mulheres por serem consideradas como “sexo frágil”, não poderiam praticar o futebol por ir contra a sua natureza.

Se analisarmos a participação da mulher não só no futebol como também na sociedade em geral, é notório que as mulheres são vistas como seres delicados e dóceis, que deveriam ser criadas desde cedo para realizar as atividades domésticas e criar os filhos, diferentemente dos homens que são sinônimos de força e poder, sendo desde novos incentivados a irem para a rua, seja para brincar ou trabalhar.

Essa cultura é repassada de geração em geração, desde a infância com a forma diferente que os pais educam seus filhos e filhas. Muitas vezes ocorre a distinção de brincadeiras e brinquedos que meninos e meninas devem brincar. As meninas recebem bonecas e miniaturas de utensílios domésticos, além de terem que possuir alguns comportamentos, diferentemente dos meninos que recebem bolas e chuteiras.

A distinção nas brincadeiras acaba influenciando nas vivências de cada indivíduo e conseqüentemente no seu nível de desenvolvimento motor. As meninas acabam desenvolvendo a motricidade fina, enquanto os meninos desenvolvem a

motricidade ampla. Essa cultura acaba provocando um distanciamento das meninas das práticas corporais.

Dentro da escola essa cultura se faz presente. O futebol é o protagonista nas aulas de Educação Física, entretanto, é considerado como um dos esportes mais masculinos e acaba sendo praticado mais pelos meninos, enquanto o voleibol é mais praticado entre as meninas. A distinção entre esportes de meninas e meninos acaba provocando uma limitação nas possibilidades de desenvolver habilidades e capacidades físicas através da prática corporal.

Dessa forma, foi constatado a importância do professor dentro das aulas para propiciar a participação das meninas, pois este é capaz de trazer as meninas para aulas sem que elas tenham receio ou medo de sofrer preconceitos. O professor, através de suas metodologias é capaz de ministrar a aula para todos, quebrando assim o preconceito de gênero e promovendo o desenvolvimento social e pessoal.

Nos estudos relacionados a participação das meninas nas aulas durante o Ensino Fundamental II (CARDOSO; ACCO JUNIOR, 2020; KERNE, 2014; OLIVEIRA; MACEDO; SILVA, 2014; SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002), é possível notar que com o decorrer dos anos em que cada estudo foi realizado, o número de alunas que pelo menos vivenciaram a modalidade aumentou, chegando a 100% das alunas no estudo mais recente, além de que todos os estudos apontaram uma aceitação das alunas por terem o futebol dentro da escola.

Entretanto, mesmo com esses dados positivos alguns estudos apresentaram o preconceito existente na prática do futebol pelas meninas. Em alguns casos ocorre o não apoio por parte da família e ao medo e a resistência por partes dos meninos por colocarem em risco a “soberania masculina”. Alguns dos motivos que provocam a não participação das meninas são: não saberem jogar, não gostarem de esportes, alegarem que cansa muito, os meninos não as deixam jogar e ao fato de não quererem suar.

Um outro ponto apresentado por algumas alunas é a preferência pelas aulas separadas por sexo, pois assim a turma teria um nível técnico mais homogêneo, entretanto, como exposto nessa pesquisa, esse não é o objetivo das aulas da Educação Física escolar, pois como exposto na BNCC as aulas devem promover uma formação integral do aluno, dessa forma as aulas mistas seriam melhores.

Portanto, conclui-se que a não participação das meninas nas aulas de Educação Física, especificamente sobre a prática de futebol, é causado por fatores culturais enraizados na sociedade. Fator esse que acaba provocando um efeito cascata que vai influenciar nos gostos, comportamentos e desenvolvimento motor das meninas do Ensino Fundamental II.

Com isso, é importante que os professores de Educação Física escolar possam superar esse desafio, fazendo com que as aulas sobre futebol sejam além de um “jogo pelo jogo”. Dessa forma, através das aulas é necessário que os alunos sejam capazes de refletir criticamente sobre os aspectos do futebol, a fim de superar os preconceitos e estereótipos expressos nas práticas corporais.

Por fim, é necessário novas pesquisas sobre a temática, principalmente pesquisas de campo para analisar o cenário atual e assim aumentar o acervo, já que foram encontrados poucos estudos que retratam especificamente sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física durante o Ensino Fundamental II.

REFERÊNCIAS

- BALARDIN, Geórgia F. *et al.* O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.10. n.36. p.101-109, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Ministério do Esporte. **A prática de esportes no Brasil**. 2015. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html> Acesso em: 15. out. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CARDOSO, Júlia P.; ACCO JUNIOR, José. **As oportunidades da prática do futsal e futebol feminino no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau- série formação do professor.
- DARIDO, Suraya C.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- FERREIRA, JOSIANE C. B. **A participação das meninas nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio em Escolas Públicas a partir de fontes bibliográficas**. Tese (Mestrado em Educação – Curso de Pós-Graduação, em Educação, Setor de Educação. Universidade Federal do Pará. Curitiba, 2019.
- FERREIRA, Mario J. P. *et al.* Preconceito no futebol feminino no Brasil: Uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**, vol. 01, nº02, 2018.
- FERREIRA, Suzana P. **Análise das campanhas feitas pelas marcas patrocinadoras da Seleção Brasileira de futebol feminino durante as Copas do Mundo de 2015 e 2019**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Publicidade e Propaganda – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº50, p. 315-328, 2005.

FURLAN, Cássia C.; SANTOS, Patrícia L. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Ano XX, Nº 30, p. 28-43, jun. 2008.

GALEANO, Marina. **As 10 maiores disparidades entre a Copa do Mundo Feminina e a Masculina**. Marie Claire, 13. jun. 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/06/10-maiores-disparidades-entre-copa-do-mundo-feminina-e-masculina.html>. Acesso em: 08. nov. 2022.

GAVIÃO, Paula C. S.; FALCÃO, Clodomiro P.; ILHA, Phillip P. Adesão, permanência e barreiras percebidas na prática do Futebol Feminino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo. V.10. n.40 Suplementar 1. P.550-556. Jan./Dez. 2018.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021.

GOELLNER, Silvana V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v.8, n.1, p.85-100, Jan./Jun. 2006.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

GOELLNER, Silvana V. **Mulher, olimpismo e desempenho**. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.

KERNE, Felipe. Futebol feminino na escola na perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Edição Especial: Pedagogia do Esporte**, São Paulo, v.6. n.22. p.278-284. Jan/Dez. 2014.

KNIJNIK, Jorge D.; VASCONCELOS, Esdras G. **Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol**. Mulher e Esporte – mitos e verdades. SIMÕES, A. C. (org). Barueri, Manole, 2003, p.165-175.

LAMAS, Leonardo *et al.* Elementos estruturais de um modelo formal dos esportes coletivos de invasão. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**. São Paulo, v.26, n.4, p.741-53, out./dez. 2012.

LIMA, Deisiane R. **A participação feminina no futebol nas aulas de Educação Física Escolar: Por quê não?** Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Universidade Aberta do Brasil (PÓLO), Piritiba, 2017.

LIMA, Rubens R. História da Educação Física: Algumas pontuações. **Rev. Eletrônica Pesquisedeca**, Santos, v.07, n.13, p. 246-257, jan-jun. 2015.

LOFFREDO, Marisa. **Mulher, olimpismo e desempenho**. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.

MAGALHÃES, Livia G. **Ensino & memórias histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. 192 p.: il.

MARTINS, Maria E. S. **As mulheres no futebol e na educação física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Brasília, 2022.

MENDES, Thiago A. **O ensino de futebol na Educação Física escolar, de acordo com os autores**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Escola de Educação Física, Fisioterapia Terapia Ocupacional da UFMG.

MOTA, Ludmylla B. C. **Participação de mulheres brasileiras no futebol: desvalorização e desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Bacharelado em Educação Física – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – NEPEF. **Projeto do núcleo de estudos e pesquisa em educação física**. Curso de Educação Física. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2014.

OLIVEIRA, Flavio; MACEDO, Romário; SILVA, Adson. Fatores associados a participação das alunas nas aulas de Educação Física: Uma questão de gênero? **Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano** – Vol.4, n.5. p.73-86 – Out\Dez, 2014.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **R. bras. Ci. E Mov.** 16(2), 2008, p. 117-125.

PINHEIRO FILHO, Wilson R.; FÁVARO, Fabricio L. Importância da Educação Física escolar: Considerações a partir das Legislações. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da Fait**, n 1, maio, 2021.

PNUD [Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento] (2017). **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é vida: Atividade Física e Esportivas para Todas as Pessoas**. Brasília: Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento.

ROMARIZ, Sandra B.; DEVIDE, Fabiano P.; VOTRE, Sebastião. Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n.01, p.207-2016, 2007.

ROQUE, Lorena A. O. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v.30, n.2, p. 303-11, Abr./Jun., 2016.

SILVA, Vanessa M.; COSTA JÚNIOR, Edson F. Futebol na escola: muito mais que jogar, explorar o mundo através do conhecimento construído pelo esporte. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 16, Nº 162, Nov. 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd162/futebol-na-escola-muito-mais-que-jogar.htm>>. Acesso em: 23 out. 2022.

SOARES, Everton R. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **EFDesportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 17, n. 169, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>>. Acesso em: 09 out. 2022.

SOUZA JÚNIOR, Osmar M.; DARIDO, Suraya C. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Motriz**. v. 8, n.1, p.1-9, Jan-Abr, 2002.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1021 | Fax: (62) 3946.1397
www.pucgoias.edu.br | prograd@pucgoias.edu.br

ANEXO 1

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE PRODUÇÃO
ACADÊMICA**

Eu, LUDMYLLA BEATRIZ CUNHA MOTA estudante do Curso de Educação Física, matrícula 20222004900050 telefone: (62) 93466-1457 e-mail ludmyllamota14@gmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autorizo a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NAS AULAS EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: O FUTEBOL, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND)•, Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT)•, outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2022.

Nome completo do autor: LUDMYLLA BEATRIZ CUNHA MOTA

Assinatura do(s) autor(es): Ludmylla Beatriz Cunha Mota

Nome completo do professor-orientador: MARIA ZITA FERREIRA

Assinatura do professor-orientador: Maria Zita Ferreira

Goiânia, 15 de dezembro de 2021.